

Ariano Suassuna e o forró de hoje em dia

Antônio Galdino, com texto extraído do : conversasdosertao.blogspot.com, de Rubinho Lima

Tive a oportunidade de algumas vezes apresentar o mestre Ariano Suassuna em Paulo Afonso e Itaparica quando estive, ainda nos tempos da Semana do Modernismo e depois, em outras oportunidade, a convite da Chesf no que ele chamava de aulas-espetáculo.

A forma como o mestre Ariano fala das coisas do Nordeste, a valorização que sempre deu ao modo de vida, aos costumes, à música... Os causos que apresenta em suas conversas sempre nos leva ao encantamento e desperta, em cada sertanejo verdadeiro, o orgulho real de ser nordestino.

A forma como o mestre apresenta o nosso Nordeste e seu povo conduz, de forma fácil ao riso espontâneo e nos remete, mesmo nessa condição, a uma reflexão sobre o modo como o nordestino, o sertanejo é tratado por gente de outras regiões e até por uma boa parcela do nosso povo...

Em email enviado para Rubervânio Rubinho Lima, autor do livro Conversas do Sertão, uma coletânea de causos para rir e pensar, o mestre Ariano Suassuna fala, com toda a propriedade que possui, de um tema muito sério que é a idiotização de valores culturais nordestinos, anarquizados por alguns "compositores" que têm títica na cabeça e destinadas a um público, igualmente idiotizado e que transforma em "sucesso" um monte de porcaria tipo "tudo enfiado".

A preocupação do mestre Ariano procede. E ele mesmo aponta, no seu texto, uma delicada situação similar, vivido por país europeu, onde os valores em decadência mostravam, de fato, a real decadência da nação.

É essa juventude alienada (e outros não tão jovens assim mas igualmente alienados ou apenas levados pelo consumo abusivo de drogas e bebidas, como se isso fosse sinônimo de "ser macho"), que valoriza e se expõe ao ridículo e se transforma em mercadoria de 5ª categoria, que vai conduzir os destinos desse país, hoje já infestado por marginais como os ditos sem terra, que roubam, destroí patrimônios alheios, são baderneiros e desordeiros, matam e, embora isso seja denunciado constantemente pela mídia, permanecem intocáveis, impunes...

A preocupação do mestre Ariano faz sentido sim. E o mestre, como muitos que ainda pensam com ele têm sido pouco levados em conta... Bem, como sugere Rubinho em seu blog, Vale a pena conferir o que ele fala sobre esses forrós modernos de agora.

‘Tem rapariga aí? Se tem, levante a mão!’. A maioria, as moças, levanta a mão. Diante de uma platéia de milhares de pessoas, quase todas muito jovens, pelo menos um terço de adolescentes, o vocalista da banda que se diz de forró utiliza uma de suas palavras prediletas (dele só não, de todas bandas do gênero). As outras são ‘gaia’;, ‘cabaré’;, e bebida em geral, com ênfase na cachaça.

Esta cena aconteceu no ano passado, numa das cidades de destaque do agreste (mas se repete em qualquer uma onde estas bandas se apresentam). Nos anos 70, e provavelmente ainda nos anos 80, o vocalista teria dificuldades em deixar a cidade.

Pra uma matéria que escrevi no São João passado baixei algumas músicas bem representativas destas bandas. Não vou nem citar letras, porque este jornal é visto por leitores virtuais de família. Mas me arrisco a dizer alguns títulos, vamos lá:

Calcinha no chão (Caviar com Rapadura),

Zé Priquito (Duquinha),

Fiel à putaria (Felipão Forró Moral),

Chefe do puteiro (Aviões do forró),

Mulher roleira (Saia Rodada),

Mulher roleira a resposta (Forró Real),

Chico Rola (Bonde do Forró),

Banho de língua (Solteirões do Forró),

Vou dá-lhe de cano de ferro (Forró Chacal),

Dinheiro na mão, calcinha no chão (Saia Rodada),

Sou viciado em putaria (Ferro na Boneca),

Abre as pernas e dê uma sentadinha (Gaviões do forró),

Tapa na cara, puxão no cabelo (Swing do forró).

Esta é uma pequeníssima lista do repertório das bandas. Porém o culpado desta ‘desculhambação’ não é culpa exatamente das bandas, ou dos empresários que as financiam, já que na grande parte delas, cantores, músicos e bailarinos são meros empregados do cara que investe no grupo. O buraco é mais embaixo.

E aí faço um paralelo com o turbo folk, um subgênero musical que surgiu na antiga Iugoslávia, quando o país estava esfacelando-se. Dilacerado por guerras étnicas, em pleno governo do tresloucado Slobodan Milosevic surgiu o turbo folk, mistura de pop, com música regional sérvia e oriental.

As estrelas da turbo folk vestiam-se como se vestem as vocalistas das bandas de ‘forró’, parafraseando Luiz Gonzaga, as blusas terminavam muito cedo, as saias e shortes começavam muito tarde. Numa entrevista ao jornal inglês The Guardian, o diretor do Centro de Estudos alternativos de Belgrado, Milan Nikolic, afirmou, em 2003, que o regime Milosevic incentivou uma música que destruiu o bom-gosto e relevou o primitivismo estético.

Pior, o glamour, a facilidade estética, pegou em cheio uma juventude que perdeu a crença nos políticos, nos valores morais de uma sociedade dominada pela máfia, que, por sua vez, dominava o governo.

Aqui o que se autodenomina ‘forró estilizado’ continua de vento em popa. Tomou o lugar do forró autêntico nos principais arraiais juninos do Nordeste. Sem falso moralismo, nem elitismo, um fenômeno lamentável, e merecedor de maior atenção.

Quando um vocalista de uma banda de música popular, em plena praça pública, de uma grande cidade, com presença de autoridades competentes (e suas respectivas patroas) pergunta se tem ‘rapariga na platéia’, alguma coisa está fora de ordem.

Quando canta uma canção (canção?!!!) que tem como tema uma transa de uma moça com dois rapazes (ao mesmo tempo), e o refrão é: ‘É vou dá-lhe de cano de ferro/e toma cano de ferro!’, alguma coisa está muito doente.

Sem esquecer que uma juventude cuja cabeça é feita por tal tipo de música é a que vai tomar as rédeas do poder daqui a alguns poucos anos.

Ariano Suassuna